



Ano V, v.2 2025 | **submissão: 01/06/2025** | **aceito: 03/06/2025** | **publicação: 05/06/2025**

Estudos da Defectologia em Vygotsky e suas contribuições para a Educação Infantil na perspectiva da Educação Inclusiva

Studies of Defectology in Yygotsky and the link with Early Childhood Education from the perspective of Inclusive Education

Isabel Oliveira – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) belcrysos@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar as contribuições da teoria da Defectologia de Vygotsky para a Educação Infantil na perspectiva da Educação Inclusiva, apontando algumas inspirações pedagógicas para a prática e organização do cotidiano. O texto de revisão literária, reuni colaborações da Pedagogia, Psicologia e Sociologia, configurando reflexões potentes e multidisciplinares em torno do desenvolvimento infantil. Considera-se a relevância de fomentar o debate em torno da inclusão com as crianças da educação infantil, entendendo as crianças com deficiência enquanto produtoras de culturas que se desenvolvem de maneira integral no encontro consigo, com os outros e com o mundo. **Palavras-chave:** Estudos da Defectologia. Educação Infantil. Educação Especial Inclusiva. Professores/as.

Abstract

This article aims to present the contributions of Vygotsky's theory of defectology to early childhood education from the perspective of inclusive education, highlighting some pedagogical inspirations for everyday practice and organization. This literary review brings together contributions from pedagogy, psychology, and sociology, configuring powerful, multidisciplinary reflections on child development. The article considers the importance of fostering debate around inclusion among early childhood education children, understanding children with disabilities as producers of cultures that develop holistically through their encounters with themselves, others, and the world.

Keywords: Defectology Studies. Early Childhood Education. Inclusive Special Education. Teachers.

1 Introdução

A geometria afirma que a reta é o caminho mais curto e acertado entre dois pontos. Um traçado preciso e lógico, sem equívocos ou desvios do objeto final. Pereira e Souza (1998) nos mostram com a verdade a reta é o caminho mais tedioso entre dois pontos e que tal fórmula transmutada para a construção do conhecimento na contemporaneidade levou a perda do vigor entre os/as pesquisadores/as.

Na contramão da linearidade, os autores poeticamente endossam o desvio para a construção de um conhecimento cheio de tramas da vida, carregados de incertezas e complexidades. Pereira e Souza (1998), remontam a alegoria do tapete, como um bom exemplo: no tapete os fios se inter cruzam com perfeição, permitindo ao olho acompanhar o correto percurso das configurações. Até que se escapa um fio, rompe-se a precisão do fluxo. O fio solto provoca o olhar, desafia o observador a construir uma nova configuração. Assim também deve ser escrita científica.

Nesta tessitura, apresentamos os campos da Educação Infantil e da Educação Inclusiva, dois campos historicamente complexos e ainda mais complexos em sua intersecção, provoca o olhar do observador/a para um percurso educativo não linear, ao tempo que inquieta o conhecimento já existente, fazendo-nos experimentar maneiras mais sensíveis de refletir sobre o desenvolvimento

Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025
infantil.

Para iniciar, reconhecemos que embora todas as crianças necessitem de um olhar único dentro da escola, não negamos os esforços adicionais para incluir aquelas com necessidades educacionais específicas, de acordo com a Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI, BRASIL, 2008). São elas: as deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades.

Neste artigo, não é possível detalhar as características de cada etiologia elencada. Para aqueles que buscam uma compreensão mais minuciosa de suas características, recomendamos a leitura do documento “Contextualização e conceitos das deficiências, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades”, elaborado por Rivaldo Neto (2022), disponível na *internet*.

Ao fazer essa observação, nosso objetivo é abordar a Educação Inclusiva na Educação Infantil de forma abrangente, centrando a discussão na natureza social do desenvolvimento de crianças com necessidades educacionais à luz da psicologia histórico-cultural de Vygostky (1997), fomentando as contribuições de sua teoria da Defetologia para o campo da Educação Inclusiva na Educação Infantil.

Uma abordagem neste sentido implica um compromisso ético com as crianças, respeitando suas singularidades de ordem biológica e social. Além de atentar-se ao fato de que as crianças se constituem uma categoria histórica e estrutural, produtora de culturas infantis, ou seja, um espaço de expressão, criação, interação e brincadeiras para aprenderem sobre o mundo e sobre elas mesmas. Suas culturas, segundo Sarmiento e Manuel Pinto (1997), bem como os estudos de Corsaro (2011), estão inter cruzadas com as culturas adultas e suas representações: etnia, raça, crenças, família, comunidades, gênero. Neste entrelace as crianças recebem influências externas que impactam na formação de si e na internalização de sua psique, ao passo que denotam sentidos múltiplos a tais elementos por meio de outras representações dadas pelas próprias crianças em suas brincadeiras. Em outras palavras, o desenvolvimento das crianças é de ordem social, também dialógico e dialético.

De acordo com o artigo 4º da Resolução nº 5, datada de 17 de dezembro de 2009, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, BRASIL, 2009), é afirmado que todas as crianças, independente de condições orgânicas, são sujeitos históricos e detentores de direitos. Através de suas interações, relações e práticas diárias, elas desenvolvem suas identidades, tanto pessoais quanto coletivas.

Tomando como norte as prerrogativas elencadas, é compromisso da educação em todas as suas esferas, romper com qualquer estereótipo criado em torno das crianças, pois, todos nós apresentamos diferenças de comportamento, desenvolvimento e habilidades cognitivas. Ou seja, as particularidades se manifestam de diferentes modos.

Assim, ao tentarmos teorizar sobre como o social impregna o biológico, se faz necessário



Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025

apresentar a justificativa que conduziu a escrita, bem como os aspectos metodológicos e, a organização estética do artigo.

O interesse em escrever sobre a temática, surgiu do curso de extensão sobre a Educação Especial Inclusiva na Educação Básica, ofertado pela Universidade de Pernambuco (UPE), durante o ano de 2025, bem como pela especialização em Atendimento Educacional Especializado, cursada na Faculdade Líbano entre os anos de 2024 a 2025. As leituras inerentes aos referidos cursos, articuladas as experiências no âmbito da Educação Infantil, especificamente com o grupo etário de 3 anos, inquietaram o aprofundamento sobre a teoria do desenvolvimento infantil de Vygotsky (1997), como forma de colaborar na reelaboração de um cotidiano acolhedor e atento ao agrupamento infantil, garantindo que seus interesses e ritmos de aprendizagem pudessem ser contemplados. Do mesmo modo, voltar-se para a Educação Inclusiva e seus princípios inspiradores para a Educação Infantil, surgiu como resposta as demandas trazidas pelas crianças com necessidades específicas do grupo de 3 anos.

Assim, envoltos por esse objetivo, o artigo, de revisão literária com o enlace de reflexão do cotidiano escolar, qual a escritora atua, debruça-se na literatura de Vygotsky (1997), como de autores contemporâneos, entre eles: Corsaro (2011), Dainez (2017), Martins (et al., 2019) e dos documentos oficiais, PNEEPEI (2008) e as DCNEI (2009), para traçar discussões analíticas acerca do caráter social do desenvolvimento infantil.

O aporte metodológico para o cumprimento do que nos propomos, tem na revisão literária um caminho adequado. Minayo (2001), nos informa que o conhecimento da realidade não é apenas sua simples transposição para o pensamento, pelo contrário, consiste na reflexão crítica que se dá a partir de um conhecimento acumulado que gera novas análises do que já foi pensado. Em outras palavras, podemos dizer que uma teoria apesar de trazer em si particularidades do tempo histórico que foi produzida, pode oportunizar reflexões atuais e possíveis contribuições, quando nos atentamos ao fato de que o conhecimento é extensivamente revisitado. Este é o caso dos escritos de Vygotsky (1997).

O artigo foi estruturado da seguinte maneira: primeiro, apresenta-se o caminho teórico e metodológico; em seguida, são discutidas as reflexões da Defectologia de Vygotsky, que explora a dimensão social do desenvolvimento de crianças com necessidades específicas. Posteriormente, são apresentados os resultados e as discussões, destacando as contribuições dos estudos de Vygotsky para a Educação Infantil sob a ótica da Educação Inclusiva. Por fim, são apresentadas as considerações finais. Com a introdução descrita, seguimos nas sessões do artigo, a começar pelo caminho trilhado.

2. A teoria da defectologia: alguns apontamentos

Ao definir uma metodologia, busca-se apresentar o caminho do pensamento, ou seja, o procedimento exercido para possíveis interpretações da realidade. Neste caminho, pensamento e realidade se entrelaçam, guiados pela visão de mundo veiculada pela teoria da qual o/a pesquisador/a se vale.

Encontramos nos escritos de Figueiredo (1990), a revisão de literatura como forma de articular pensamento-realidade, endossando a atualização teórica quando confrontada com novos contextos sociais emergentes. Ou seja, traz como necessidade a revisão crítica dos conceitos já existentes a fim de que sejam incorporados ou superados criticamente.

Concomitantemente, Moreira (2004), elucida, que “revisar significa olhar novamente, retomar os discursos de outros pesquisadores, mas não no sentido de visualizar somente, mas de complexificar a teoria. Só pode haver crítica, se os objetivos estiverem claros e bem formulados”.

Neste meandro, Dainez (2017) aponta que os estudos de Vygotsky têm sido intensamente mobilizados pela comunidade da psicologia infantil, quanto da pedagogia com objetivos orientados para os processos educativos das crianças, compreendendo que o desenvolvimento de funções superiores, como: memória, percepção, pensamento e linguagem perpassam uma relação semiótica do biológico com o mundo existente. Em outras palavras, o contato direto com o alimento cultural — comportamentos, regras, convicções, palavras, formas de expressões de sentimentos e outras representações — de uma sociedade marcada por divisões de classe, provoca o desenvolvimento do organismo vivo, ao passo que este desenvolvimento pode gerar transformações, continuidade e rupturas na sociedade em que está inserido, sem nos esquecermos que esse movimento social, também é dialético e dialógico.

Partindo dessas premissas, ao revisitar a psicologia histórico-cultural de Vygotsky, especialmente sua teoria da Defectologia, buscamos aproximar o debate do autor no final do século XIX e início do século XX com a contemporaneidade, atentando-se as suas contribuições para a promoção da educação inclusiva na educação infantil atualmente. Destarte, nessa transposição atemporal, estão cientes das limitações das clássicas obras vygotkianas, ao tempo que são importantes serem estudadas à luz do presente.

Do mesmo modo, reconhecemos a existência de escritos neste sentido, mas para nós o presente artigo se torna elementar ao campo de discussão acerca da inclusão na infância, por trazer exemplos pedagógicos de como tal política pode ser efetivada. Isto porque, durante os estudos, sentimos a ausência de escritos nesta perspectiva. Além disso, reforça os catalizadores da metodologia adotada – pensamento e realidade.

Por quanto o plano social do desenvolvimento, nada mais é que a ideia de que tudo que está

Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025

fora do organismo é cultura, ou seja, produto da vida em sociedade e do trabalho humano, e, que no contato destes produtos, sempre mediado por outro, somos capazes de internalizar as funções mentais, que nos ajudará agir sobre o meio. Este entrelaçamento é o alicerce da perspectiva histórico-cultural de Vygostky, que vai na contramão da biologização de correntes tradicionais da psicologia. Com uma sólida base conceitual marxista, o autor propôs uma teoria pautada nas condições reais, materiais e sociais do desenvolvimento humano.

Destarte, corresponde ao cruzamento da ontogênese e filogênese. A primeira explica o desenvolvimento pessoal, ou seja, a internalização das funções superiores no contato direto como os signos e símbolos culturais produzidos no meio. Enquanto a filogênese, implica dizer que o desenvolvimento pessoal é histórico, pois traduz ao longo do percurso, transformações que operada na natureza e em si mesmo como parte da natureza. Ou seja, sem deixar de ser obra da pessoa singular, faz parte da história humana.

Há, ainda neste percurso, outro ponto importante que precisa ser mencionado: o desenvolvimento das formas superiores de comportamento acontece sob pressão de necessidades, ou seja, se a criança não tiver necessidade de pensar, ela nunca irá pensar. Portanto, são os estímulos externos a partir da entrada da criança no mundo cultural, que auxiliará sua saída de um lugar mais egocêntrico para um contexto socializado.

Ainda que conheçamos as obras de Vigotski no âmbito do desenvolvimento infantil, pouco se sabe de seus esforços para a construção de uma teoria da defectologia. Dainez (2017), argumenta que a tensão posta entre o padrão de desenvolvimento desejado pelos preceitos de uma sociedade, as especificidades orgânicas, e as formas de constituição heterogênea das funções superiores mentais, era uma preocupação expressa por Vigotski no final do século XIX e início do século XX.

Dos seus resultados investigativos, destacamos a obra Fundamentos da Defectologia, livro publicado no Brasil pela primeira vez em 1983, que preza pela perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento das crianças com deficiência. Vigotski, portanto, parte do mesmo princípio para explicar que as particularidades das crianças com deficiência têm como base a articulação biológica e social.

O autor, observava que em sua época a insuficiência de crianças com deficiência refletia a segregação e a ausência de uma educação adequada, com métodos e procedimentos específicos, que oportunizassem o contato com o alimento cultural, por meio de contextos de aprendizagem e de convívio social diverso. Sem aprofundar o seu tempo histórico, podemos dizer que seus escritos atravessaram séculos e repercutem contribuições atuais para a promoção de uma educação humanizada, via práticas que mediam as singularidades do desenvolvimento.

Antes de refletir de maneira mais minuciosas sobre as contribuições de Vigotki para a educação especial e inclusiva, é importante conceituar alguns aspectos de seu estudo sobre a

Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025

deficiência. Não diferente do que ele já considerava sobre o desenvolvimento infantil, o autor argumenta que no caso das crianças com deficiência, seu amadurecimento precede as mesmas leis: a inexistência de estágios sucessivos para a internalização das funções superiores, portanto, sempre em constante descontinuidades e rupturas quando colocadas frente a novos desafios na aprendizagem; amplitude da plasticidade cerebral, sendo possível novos arranjos neurais, mesmo após o alcance de certo grau de evolução biológica e, por fim, a teoria da zona de desenvolvimento proximal (ZDP), preservando a mediação do outro entre aquilo que as crianças desempenham com autonomia para uma nova descoberta.

Na concepção de Vigotski, da mesma forma que não existe um caminho único e assertivo quando se trata do desenvolvimento das crianças sem deficiência, pode-se pensar o mesmo para aquelas com deficiência. O objetivo, estaria, portanto, em entender como o meio social, que neste caso, consiste na educação, pode agir nas crianças, para que elas desenvolvam suas funções superiores?

Vigotski apresenta o conceito de compensação como resposta. De acordo com o teórico consiste em fazer com que as funções superiores possam ser internalizadas por vias indiretas, quando os caminhos diretos não são possíveis. Exemplo, a criança com cegueira, tem no braile o caminho indireto para a linguagem escrita e para leitura. Já a criança com surdez, tem na língua de sinais o caminho para a linguagem expressiva, quando a fala é inviável.

Vigotski entendia que estes métodos seriam formas de compensação criadas para viabilizar o desenvolvimento culturais das crianças com deficiência, pondo-as em contato com os signos e símbolos culturais (formas, objetos, linguagens, comportamentos, conhecimentos) quais concomitantemente atuaram em suas funções superiores. Por conseguinte, a educação cumpre o papel de auxiliar nas capacidades das crianças com deficiência, criando técnicas ou sistemas especiais de signos e símbolos culturais adaptados às peculiaridades do organismo psicofisiológico.

De modo geral, nas discussões atuais tem predominado o consenso de que as condições de lesão orgânica demanda processos compensatórios que denotam a superação da deficiência. Em outras palavras, o fenômeno da compensação é apresentado como imprescindível para o desenvolvimento das crianças com deficiência.

Assim, distante de um caráter assistencial, a compensação, exige 4 dimensões inter cruzadas:

A primeira, corresponde a integralidade da pessoa, ou seja, suas dimensões social-cultural-orgânica-biológica-afetiva-cognitiva entretecidas, nos levando a considerar que a deficiência não é determinante do desenvolvimento.

A segunda, diz respeito a complexidade do funcionamento do psiquismo, que está atrelada ao caráter plástico e flexível do cérebro em desenvolver modos alternativos para atender aos objetivos sociais.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025

A terceira dimensão, está assentada na heterogeneidade dos processos, que versa sobre os diversos modos de se constituir humano, descaracterizando a generalização da incapacidade.

A quarta, trata-se da especificidade, que significa ter conhecimentos sobre a deficiência para criar caminhos educativos alternativos, sustentando a potencialidade das crianças com deficiência em participar de seu próprio desenvolvimento, na cultura e nas atividades escolares.

A partir deste ponto de vista, consideramos que o desenvolvimento se entrelaça a educação, sendo ela participante ativa da inclusão, por meio da construção de métodos compensatório, possibilitando que a criança com deficiência aja sobre o mundo cultural e em si mesma, desenvolvendo suas funções superiores.

Compreendemos a partir da perspectiva histórico-cultural de Vigostki que a deficiência é uma condição humana, o que implica problematizar a forma como o meio social está estruturado, organizado, projetado para receber e lidar com as especificidades orgânicas. E nesse contexto que estudamos as possibilidades para a Educação Infantil.

3. Educação infantil: inspirações inclusivas

Tem-se predominado o consenso de que as condições de lesão orgânica demanda processos inclusivos que colocam a deficiência enquanto temática de debate social e, portanto, de competência das políticas públicas intersetoriais. Com foco na educação, Dainez (2017) estudiosa de Defectologia de Vygotsky, compreende que as condições sociais de existência humana são muito mais determinantes, do que as características biológicas de cada deficiência, sendo, portanto, necessária a discussão no contexto da Educação Infantil.

Destarte, trata-se de estudar e compreender as especificidades das infâncias, pensando as crianças com deficiências enquanto detentoras de saberes e potencialidades, produtoras das culturas infantis, tendo no contexto da coletividade escolar forte aliado as suas conquistas. Este cenário, inspirado em Mantoan (2017), exige de nós caminhos educativos alternativos e inovadores, balizados pela escuta e olhar atento, de um planejamento pedagógico que tome como referência as crianças, nos princípios da igualdade e diferenças. Diferença enquanto forma de ser e estar no mundo, perpassado no encontro com as culturas e na compreensão de si como sujeito individual e de convívio, sendo com ou sem deficiência; já a igualdade correspondente ao acesso igualitário aos direitos.

Uma escola, neste panorama, perpassa uma gestão democrática de seus processos educativos, compreendendo a infância em seu sentido ético e político. Simultaneamente, os pilares da educação inclusiva, dispostos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001): acessibilidade, participação, apoio, diversidade e qualidade, por sua vez, fortalecidos pelos documentos normativos atualizados, conota indicadores importantes para a

Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025

organização da Educação Infantil e a formação dos professores.

Entre os indicadores, destacamos: o aspecto relacional entre escola, famílias e educadoras; a eliminação das barreiras arquitetônicas e sociais, a organização dos tempos e materiais que assistam as especificidades e encorajem a participação ativa das crianças, a importância das interações e brincadeiras para o desenvolvimento infantil, que devem ser adaptadas com foco nas necessidades educacionais, o estímulo a autonomia e a garantia do apoio e atendimento especializado.

No conjunto dos indicadores, Kishimoto (2019), toma o brincar e aprender como contextos imbricados e favoráveis ao desenvolvimento e protagonismo infantil. Nesse sentido, vejamos algumas inspirações: numa cena brincante de investigação, se a criança tiver baixa visão, podemos escolher objetos de cores fortes e formatos variados para ajudá-la a identificá-las e a interagir com elas. Os objetos ainda podem fazer sons e ter texturas diferentes. Para crianças com deficiência auditiva é importante pensar como possibilitar que elas sintam as vibrações dos sons e explorem o ritmo e a musicalidade através do movimento. Para as crianças com deficiência física, é importante a reorganização do espaço físico e a distribuição de matérias ao alcance.

Os indicadores e inspirações, provocam de igual modo uma formação inicial e continuada dos professores, orientada não somente pelo sentido etimológico e as características de deficiências. Na verdade, como salienta Dainez (2017) perpassa um conjunto de direitos humanos numa perspectiva histórica. Também, uma modalidade de ensino que exige fundamentos filosóficos, diretrizes e procedimentos com base em diferentes campos do saber, que vão desde a medicina, passando pela psicologia, pela sociologia e educação. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso, (WALTER BENJAMIN, 1994, p. 205).

Na concepção do filósofo (1994), ao estabelecer relação entre a experiência e a narrativa, coexiste simultaneamente o vínculo entre o episódio narrado e a vida do(a) narrador(a). Destarte, ao tecer escritos relacionando aspectos pessoais aos profissionais, acentua-se a relevância da condição humana no mundo do trabalho, sobretudo no âmbito da educação, a qual lida com a formação embasada nos princípios da individualidade e subjetividade.

Tomando como ponto de partida as explicações anteriores, para as educadoras de creche, o movimento conduz a autoformação, que também é descrito com maestria por Ostetto (2008), na seguinte reflexão: Ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhes outros significados [...]. Por meio do registro, travamos diálogos com nossa prática, entremeando perguntas, percebendo idas e vindas, buscando respostas que vão sendo elaboradas no encandeamento da escrita (OSTETTO, 2000, p. 30)

Assim, ao registrar os saberes experienciais do cotidiano educativo, deixamos nossas marcas pessoais. Sendo assim, trago minhas marcas imbuídas na tessitura da narrativa sobre ser professora



Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025
de bebês, por meio de reflexões do cotidiano escolar do ano de 2024.

4. Considerações finais

Por fim, considera-se que uma escola da educação infantil inclusiva, considera os eixos educar e cuidar, as interações e brincadeiras como propulsores de um cotidiano humanizado. Outro ponto a ser destacado é que a organização pedagógica para as crianças demanda conjuntamente a reorganização da educação especial, fomentando a inclusão de profissionais especializados na colaboração com os professores regulares. Essas reformas preconizadas a partir da declaração de Salamanca, culminaram em uma series de documentos normativos no Brasil, com mudanças nos sistemas educacionais. A resolução do CNE em 2011, consolida o entrelace do atendimento educacional especializado ao ambiente escolar.

Nesta trilha de proposições, é possível contemplar os avanços ao longo da histórica humana. Avanços estes que reúnem colaborações de campos científicos da Medicina, Psicologia, Sociologia e Educação, empreendendo uma gama de políticas públicas e indicadores de qualidade para a formação docente, especialmente com as crianças. Neste panorama, a universidade pública, no compromisso ético dos estudos e pesquisas com as crianças, empreende um conjunto de conhecimentos significativos para pensarmos a formação docente inclusiva em todas as dimensões.

Por último e não menos importante, quando a universidade propõe uma educação inclusiva, nos estudos interseccionados entre teoria e prática, revela seu posicionamento político e de resistência ao mercado educacional que aligeira a formação docente e de especialistas ao atendimento especializado na infantil.

Por fim, concluímos dizendo que uma escola para todos cria descontinuidades na gênese histórica da educação pública brasileira, problematizando o seu projeto educativo hegemônico, eurocêntrico e excludente em todas as etapas escolares.

5. Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 13 de janeiro de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2010. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2025.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 01/06/2025 | aceito: 03/06/2025 | publicação: 05/06/2025

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://www.bnc.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

Benjamin, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica (6a ed.). São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

CORSARO, William. Sociologia da Infância. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUEIROZ, Norma (et al.). Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: um olhar sociocultural construtivista. Revista Paidéia, n.16, 2006, p. 169-179.

VYGOTSKY, L.S. *Fundamentos de defectologia - Obras Escogidas*, v.V. Madrid, España: Visor Distribuciones. 1997.

VYGOTSKY, Lev. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. In: revista virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, v.11, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. São Paulo: Cengage Learning, 2019

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: Encontros e encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas/SP: Papirus, 2000.

MANTOAN, Maria Teresa Egler e LIMA, Norma Silvia Trindade de. Notas sobre inclusão, escola e diferença. ETD [online]. 2017, vol.19, n.4, pp.824-832.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel (1997). “As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo”, in M. Pinto e M. J. Sarmento (Coord.), *As crianças: Contextos e identidades*. (9-30). Braga. Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho